

Ana Rosenrot

Três Momentos

Contos Espíritas

Três Momentos: Contos Espíritos

Ana Rosenrot

Edição Digital

LiteraLivre Publicações @2019

Os três contos presentes neste livro receberam o “Troféu Jorge T. Rizzini”, no “Concurso de Contos e Poesias com Temática Espírita”, realizado durante o “Encontro de Espiritismo de Jacareí” e promovido pelo “Clube do Livro Espírita de Jacareí-SP”.

Os contos “Estrela Guia” e “Decisão Extrema” receberam o 1ª lugar em 2012 e 2013, respectivamente e o conto “Direito de Viver”, recebeu menção honrosa em 2014.

Conheça a vida e a obra de Jorge T. Rizzini:

<http://jorge-rizzini.blogspot.com/>

Para Carlos Roberto Monteoliva

Três Momentos: Contos Espíritas

1ª edição, 2019 - Versão Digital

Diagramação: Ana Rosenrot – Alefy Santana

Imagens: Pixabay/Freepik

Ana Rosenrot – 2019 – Brasil – LiteraLivre Publicações

1.Literatura Brasileira 2. Contos 3.Espiritismo 4.português

1.Título

Ana Rosenrot © 2019 – Todos os direitos reservados

Proibida a reprodução parcial ou total, por qualquer meio.

Lei nº 9.610 de 19/12/1998 (Lei dos Direitos Autorais)

LiteraLivre Publicações

revistaliteralivre@yahoo.com

Sumário

Sumário

Estrela Guia.....	6
Decisão Extrema.....	9
Direito de viver.....	13
Sobre a Autora.....	17
Leia também.....	19

Estrela Guia

Era um dia de aula comum e Camila, que já havia terminado a lição, desenhava pequenas flores em seu caderno quando foi chamada pela professora e só então notou a presença da diretora e de outra mulher, que se apresentou como Joana, Assistente Social do Estado e que Camila deveria acompanhá-la.

Assustada, a menina quis saber o que estava acontecendo, mas não obteve resposta, a mulher simplesmente segurou-a pelo braço, conduzindo-a para fora da sala de aula, depois para a rua, onde um carro branco as aguardava.

Após alguns minutos de viagem, chegaram a um enorme prédio amarelo, nele, uma placa dizia: “*Juizado de Menores*”; para onde Camila foi levada e em pouco tempo se viu sozinha, num extenso corredor, sentada em um surrado banco azul desbotado; confusa e chocada.

O que Joana lhe dissera no caminho, deixou-a paralisada e das várias coisas que ouviu, só conseguiu entender a principal: havia perdido a mãe, pelas mãos de seu pai.

Queria acreditar que tudo não passava de um grande engano e que a qualquer momento, veria sua mãe – sempre tão bonita e sorridente –, chegando para buscá-la; mas sabia que ela não viria, que nunca mais iria vê-la e pensar nisso fazia seu peito doer de tristeza, sentia-se tonta, seus olhos ardiavam e apesar de ainda não conseguir derramar nenhuma lágrima, a saudade já estava se tornando insuportável.

Num impulso, segurou – como sempre fazia quando estava com medo –, o pingente em formato de estrela – sua estrela guia –, presente da mãe, para acabar com o pavor que tinha de dormir no escuro; a mãe lhe dizia que, em qualquer situação, por pior que parecesse, se ela acreditasse, tivesse fé, haveria sempre uma luz, mesmo que pequena, de esperança, para iluminar-lhe o caminho, pois os bons nunca estarão sozinhos e o pingente servia para que ela não se esquecesse disso. O contato frio do pingente, sempre confortador, não conseguia amenizar a sensação de vazio que a dominava, o desejo de entender o motivo que levara seu pai –, que parecia tão calmo, bom e dedicado –, a cometer um ato de loucura e destruir a própria família, deixando-a sem ninguém no mundo.

As horas passavam e ela continuava ali, sentada, sem saber o que esperar; percebia os olhares de pena que os funcionários do Juizado lhe dirigiam, uns só olhavam, enquanto outros faziam comentários entre si, falavam do que tinha acontecido com sua mãe, diziam que seu pai tivera um surto psicótico, parecia possuído, que era um crime passional, motivado pelo ciúme e agora a menina, que estava órfã e abandonada, seria mandada para um lar provisório. Os termos que usavam eram estranhos, para uma simples menina de dez anos, mas as palavras “abandonada e órfã”, que conhecia bem, ecoavam em sua mente, fazendo com que estremecesse e a deixavam cada vez mais fraca e cansada, com a cabeça girando.

Exausta, apesar do contato duro e desconfortável do banco, acabou adormecendo e sonhou que estava em seu quarto, era novamente de manhã e ela se arrumava para ir à escola, pegava os cadernos na prateleira, enquanto admirava a beleza do quarto, os móveis delicados, as paredes que o pai havia pintado de rosa pálido, deixando que ela enfeitasse, com as flores que tanto gostava de desenhar; terminou de arrumar a mochila e foi para a cozinha tomar o café da manhã; tomou leite com chocolate, comeu pão doce com manteiga, depois deu um beijo no pai e na mãe, correu para a porta, dizendo adeus e foi para a escola. Dizendo adeus... Para sempre.

De repente, estava de volta ao corredor, com a mãe sentada ao seu lado, lhe dizendo que tudo ficaria bem, pedindo que não tivesse medo, pois, a morte não é o fim, mas uma etapa da existência e da evolução de cada um; que ela não estava abandonada, encontraria boas pessoas para ajudá-la e principalmente: que não nutrisse ódio pelo pai, deveria perdoá-lo, porque o ódio é um sentimento que escraviza o corpo e a alma, impedindo a nós e a quem amamos, de seguir em frente e ninguém é vítima, tudo ocorre por uma razão, é preciso aceitar as lições, mesmo duras e transformá-las em sabedoria e progresso.

Sentindo-se inundada pela vibração de amor que vinha da mãe, Camila tentou abraçá-la, mas estava novamente sozinha, sentada no banco.

Acordou sobressaltada, soluçando, o rosto banhado em lágrimas; Joana estava parada perto dela, explicando sua história a outra mulher, que se aproximou e tocou o rosto de Camila delicadamente e com carinho, secando-lhe as lágrimas que não paravam de cair; disse que se chamava Márcia e que ela ficaria morando em sua casa por enquanto, até o governo tomar uma decisão sobre o seu futuro.

Levantou-se e caminhou lentamente ao lado de Márcia, que lhe segurava uma das

mãos, com a outra Camila agarrava fortemente o pingente em formato de estrela, quase arrebatando a fina corrente que a segurava, queria desesperadamente acreditar no que a mãe tinha dito, sabia que não havia sido somente um sonho, desejava ter fé e coragem para enfrentar o que lhe reservava o futuro incerto, esperava mesmo que ainda houvesse uma luz, para iluminar a escuridão que queria sufocá-la. Neste momento, sentiu a presença da mãe ao seu lado e mesmo sem poder vê-la, sabia que ela estava ali, para ampará-la; decidiu que não teria mais medo, procuraria sempre ter bons pensamentos e sentimentos, aceitaria sem queixas os desafios que viriam, aprenderia o que pudesse para entender a razão de tudo o que aconteceu. Com certeza, enquanto pudesse sua mãe a ajudaria, afinal, ela sempre seria sua estrela guia.

Decisão Extrema

Entrou batendo a porta, foi andando pela casa aos tropeções devido à escuridão, acendeu o toco de uma vela e começou a arrastar os poucos móveis com violência; tinha pressa, pois sabia que se não encontrasse logo o que procurava perderia a coragem. Teve que parar por alguns instantes, sentia-se tonto, a garganta estava seca e ele suava muito, apesar do frio que sentia; tudo consequência da dependência de drogas e naquele momento acreditava que a única solução possível seria acabar com a própria vida. Já não aguentava mais esse sofrimento sem sentido; o que começara como uma simples curiosidade, o desejo de fugir da realidade, de sentir-se protegido por um grupo, a ilusão de que estava no comando e que poderia parar quando quisesse, acabou se transformando num vício incontrolável.

No começo tudo foi tranquilo, só se drogava nos finais de semana e isso preenchia o vazio que tomou conta do seu ser após a morte de sua avó Lia – o anjo que o encontrou pedindo esmolas no semáforo com seis anos de idade e o acolheu como se fosse seu neto de verdade –; a tristeza, a saudade e a revolta pela perda desapareciam magicamente em nuvens alucinógenas; mas em pouco tempo, sem perceber, acabou mergulhando numa realidade sombria, num mundo onde não existe amizade, nem compaixão, onde se rouba, mata, perverte, engana e todos são capazes de qualquer coisa para sustentar o vício. Pouco a pouco, sem se dar conta, ele também foi sucumbindo, passou a se drogar todos os dias, em doses cada vez maiores; perdeu o emprego no escritório de contabilidade, pois vivia distante, não cumpria mais com suas obrigações e faltava ao trabalho sem motivo; rapidamente foi perdendo tudo o que a avó Lia havia lhe deixado de herança; começou com o dinheiro da caderneta de poupança – economizado com sacrifício por anos – depois foi vendendo os objetos da casa, aparelhos, móveis, um a um até restar somente o que era velho demais para ser vendido e finalmente perdeu a casa – o único lar verdadeiro que conheceu –, vendida por um valor mínimo num momento em que a dependência falou muito mais alto que o bom senso.

Em uma semana, no máximo, teria que deixar a casa e como não tinha para onde ir e estava sem dinheiro, viveria novamente nas ruas como na infância; mas agora seria bem

pior, porque sabia que não resistiria muito tempo por causa do vício e, só de pensar nisso, conseguia ver lógica em sua decisão extrema.

Respirou fundo até a tontura melhorar e retomou a procura, dentro de uma gaveta encontrou o que tanto buscava: um revólver que tomara de um viciado durante uma briga; olhou bem para a arma de cano curto, preta, com a coronha trabalhada que cabia perfeitamente em sua mão. Lembrou-se das vezes em que quase a trocara por tóxicos, mas não o fizera por receio de entregá-la a um assassino, se tornando indiretamente cúmplice de um crime. Pensou com carinho em sua avó Lia e seus ensinamentos estranhos sobre as consequências de nossos atos e escolhas.

“Vó Lia... Quanta saudade... Sempre ajudando todo mundo... Um prato de comida, uma palavra de conforto... Muitas vezes incompreendida e até perseguida por pessoas ignorantes que não aceitavam a simplicidade de sua fé... Mas incansável... Tirou-me da rua doente e faminto, deu-me amor, educação... Eu não posso decepcioná-la voltando a viver nas ruas, muito pior do que quando ela me acolheu na infância... Sinto-me tão sozinho, abandonado... Fraco para resistir e lutar contra esse maldito vício... Minha história tem que acabar aqui...” – pensou Alberto, deixando-se cair pesadamente numa poltrona rasgada.

Resolvido, segura a arma com firmeza, sentindo o objeto frio tocar-lhe a cabeça, fecha os olhos, esperando não abri-los novamente, seus dedos tocam o gatilho, ele se prepara, desejando que tudo seja rápido, um estampido e acabou-se; seu coração bate forte, descontrolado; lentamente vai apertando o gatilho; em sua mente, num turbilhão desconexo, lembranças da infância começam a vir à tona: os ensinamentos de sua avó Lia sobre a continuação da existência após a morte, de como o suicídio é o pior dos crimes que alguém pode cometer e que mesmo com a destruição do corpo, o sofrimento continua para quem tira a própria vida, ela dizia que o suicida revive de forma dolorosa o momento de sua morte, sente dores terríveis, sofre com a abstinência de seus vícios, vive entre a consciência insuportável de seu ato e os delírios da loucura e pode passar anos, séculos, preso a uma existência infernal e a outros espíritos, cheios de ódio, vingativos, que cometeram o mesmo ato; fora o sofrimento dos familiares, que além da perda do ente querido e o sentimento de culpa, terão que enfrentar o dedo acusador da sociedade.

Ele balança a cabeça, tentando bloquear as lembranças que mais parecem vozes, nunca acreditara em nada daquilo, achava tudo bobagem, perda de tempo, a ideia de uma alma imortal em seu debilitado corpo de homem era tolice e se a alma existisse mesmo se

extinguiria quando seu corpo morresse, seria o fim... Mas e se não fosse? E se a vida continua mesmo depois da morte do corpo, será que ele suportaria permanecer no sofrimento após suicidar-se? Sentindo a dor do tiro, o horror da morte violenta, o desejo incontrolável de usar drogas e ainda as consequências do crime cometido contra si próprio? Justo ele que jamais maltratou alguém, que evitava ao máximo ter que discutir ou brigar, que preferia morrer a tornar-se um ladrão, um agressor, um bandido viciado, por isso tinha medo de voltar a viver nas ruas e precisava resistir à dúvida que começava a atormentá-lo, mas sabia que não existia outro caminho, tinha que continuar...

A arma parece imensa e pesada, seus dedos estão escorregadios, quase não consegue segurá-la, o medo toma conta de seu ser, um medo tão grande quanto o que sentia quando era somente uma criança sozinha e perdida suportando as pavorosas noites em que dormia embaixo dos viadutos, ouvindo sem saber de onde vinham estranhas vozes irritadas, gargalhadas, gritos, o barulho de garrafas quebrando; esperando ser pego por algum louco toda vez que os sons se aproximavam, o mundo assustador à sua volta, nas trevas da noite que nunca acabava e naqueles momentos de desespero ele chamava por um Deus que desconhecia, implorava por ajuda, mesmo achando que ela não viria; mas veio, quando ele menos esperava, na figura doce de uma mulher idosa, que acreditava que todos mereciam uma chance e que Deus nunca abandona os que chamam por ele com sinceridade, somos nós e nossa vaidade que o abandonam, riscando-o de nossas vidas.

“Sou realmente um estúpido... Como posso ter me esquecido de onde eu vim e das lições que a vida e minha avó Lia me deram? Estou aqui me comportando como um covarde, deixando o vício dominar minhas ações, destruir minhas conquistas, sonhos, fazendo-me usar a perda de minha avó como desculpa para uma escolha que fiz sozinho; quero viver, quero desesperadamente viver, mas tenho que adquirir forças para resistir às drogas, recomeçar, enfrentar os desafios, deixar o medo do julgamento de lado e pedir ajuda, lutar novamente pela existência, encontrar uma razão para continuar vivo, preciso de uma nova chance, de perdão, de paz...”

Lentamente Alberto vai escorregando do sofá até ficar de joelhos no chão, solta a arma que parece queimar sua mão e ela fica ali, caída ao seu lado, brilhando sinistramente na iluminação lúgubre da vela, enquanto ele reza como na infância, desesperado e em soluços usando as palavras puras, sinceras, que saem de seu coração, pedindo a Deus perdão e auxílio; naquele momento, espíritos amigos que estavam presentes aguardando ansiosamente sua decisão puderam finalmente agir, enviando energias boas e

purificadoras; pouco a pouco ele vai se acalmando, se sentindo acolhido, amparado, suas lágrimas vão diminuindo até cessarem e fazendo-o mergulhar num sono profundo, reparador, deitado no chão perto do objeto mortal que não conseguiu derrotá-lo; a luz da vela se extingue completamente, mas a escuridão não pode mais assombrá-lo, porque a esperança e a fé voltaram a iluminar seu caminho.

No dia seguinte, Alberto procurou um grupo de ajuda administrado por amigos de sua Avó Lia e recebeu apoio, abrigo, orientação e tratamento; teve que lutar muito, enfrentar seus medos, redescobrir-se; mas hoje, ele está recuperado e se dedica a ajudar outras pessoas.

Suas palestras sempre começam com a frase: *“Toda vida é importante!”*

Direito de viver

Lívia chega apreensiva ao apartamento de seu namorado Pedro, vê que ele ainda não chegou e senta-se no sofá segurando nas mãos trêmulas um envelope, que naquele momento representa a incerteza e o medo do futuro. Quer levantar-se ir até a cozinha e tomar um copo d'água, pois não se sente bem, parece que está sufocando, mas não consegue, pois seu corpo está pesado e ela não é capaz de se mover. Sua cabeça lateja e em sua mente só existe um pensamento: *“Como vou contar ao Pedro sobre a gravidez?”*.

Um barulho na porta faz Lívia se assustar; Pedro se aproxima sem nem olhar para ela e pergunta secamente:

— E então? Pegou o resultado? Espero que tenha dado negativo.

Lívia responde com a voz sumida:

— Não... Deu positivo... Eu estou mesmo grávida.

— Você tinha que fazer isso comigo, não é Lívia? – vai dizendo Pedro aos berros – Agora que estou desempregado... Tentando terminar os estudos... Cheio de dívidas... E ainda mais essa? Vou ter que tirar dinheiro nem sei de onde para você se livrar disso... Já não chegam os problemas que já tenho?

Pedro agarra Lívia fortemente pelos braços e vai empurrando-a com violência porta afora e antes de soltá-la diz:

— Suma da minha frente antes que eu faça uma loucura! Vou falar com alguns colegas e quando eu tiver o dinheiro e o endereço de alguma clínica eu ligo para você... E tudo voltará a ser como era antes!

Lívia ficou chocada, pois Pedro nunca havia agido daquela forma; totalmente transtornada ela começa a andar sem rumo até ficar exausta e sem saber onde está; então, avista uma pracinha cercada por árvores, onde crianças brincam alegremente e senta-se num banco dando vazão às lágrimas até então reprimidas – o riso das crianças se misturando aos soluços de seu choro convulso.

De repente, ela percebe que não está mais sozinha no banco, uma mulher que chegou sem fazer barulho, está sentada a seu lado, Lívia tenta desviar os olhos, se afastar,

pois não quer falar com ninguém, mas apesar do afastamento a mulher pergunta:

— Moça... Você está bem? Precisa de alguma coisa?

— Estou bem obrigada! Não preciso de nada. Só quero ficar sozinha.

— Certo... – insiste a mulher – Mas conversar sempre ajuda... Ninguém devia chorar num dia tão bonito... Se quiser desabafar estou aqui!

Lívia pensou em ir embora, mas havia algo naquela senhora idosa e pequenina – seu jeito frágil emanava força, seus olhos brilhantes e calmos inspiravam confiança – que sem pensar ela passou a contar a mulher desconhecida como tudo mudara em sua vida desde que os primeiros sintomas da gravidez surgiram: a suspeita, a expectativa pelo resultado do exame, a confirmação, depois a inesperada reação de Pedro, que ela tanto amava e finalmente a palavra não dita que retumbava em sua mente levando-a ao desespero: aborto.

Calmamente a mulher começa a falar:

— Filha... Deus a escolheu como instrumento para trazer uma nova vida ao mundo, essa é a maior das dádivas... Não cabe a você ou a seu namorado a decisão de permitir ou não que essa criança nasça... Você está pensando somente no “problema” a ser resolvido, mas lembre-se que esse “problema” é um ser humano e o mais importante: é seu filho. Se interromper a gravidez cometerá um crime terrível, o pior de todos os crimes: o assassinato de um inocente.

— Mas a senhora não entende... Pedro e eu temos planos, eu não posso atrapalhar a vida dele e nem quero ficar presa a uma criança; não agora que sou jovem e tenho direito de fazer tudo o que as outras meninas fazem; quero estudar, passear, ser feliz...

Segurando nas mãos geladas de Lívia a desconhecida continua:

— Você tem direitos? Pedro tem planos? Mas e o bebê? E os planos divinos para esse espírito que retorna? Vocês querem tirar dele o principal direito de um ser humano: o direito de viver! Um filho não deve representar uma barreira para a felicidade dos pais, mas um impulso para lutar. Sei que será um caminho difícil, cheio de sacrifícios, precisará de muita coragem para vencer os desafios que virão... Mas seu filho será sempre uma inspiração, um motivo para continuar lutando; cada sorriso dele mostrará que tudo valeu a pena.

— É impossível! Se eu não abortar, Pedro me abandonará e eu o amo mais do que tudo neste mundo!

— Ama mais do que a si mesma? É capaz até de matar ou mesmo morrer por ele? – responde a mulher, lamentando a ingenuidade de Livia – Esqueceu-se de que o bebê também é responsabilidade dele? Ele quer que você assuma os riscos sozinha... Sabe como são feitos os abortos clandestinos?

— Esse é meu maior medo: o momento de fazer o aborto. Já li umas coisas horríveis... Mas não vejo outra solução.

— Sempre há outra solução! Mas seu temor é certo, pois como o aborto é proibido por lei, as “clínicas” que os praticam usam métodos e instrumentos rudimentares, às vezes até agulhas de tricô e ferramentas; sem a mínima higiene e com pessoas sem nenhum conhecimento médico; muitas mulheres morrem ou ficam com sequelas graves pelo resto da vida. Sem falar nos danos psicológicos, a tristeza, a depressão e principalmente a culpa que afetará inevitavelmente os envolvidos. Responda-me com seu coração: você conseguirá perdoar Pedro por ter exigido a execução do filho de vocês? Conseguirá se perdoar por ter aceitado a condição que ele impôs sem pensar nas consequências? Saberá viver como uma assassina? Conseguirá esquecer um dia o crime que cometeu?

— Sinto-me tão confusa, perdida, não sei mais o que fazer! – diz Livia voltando a chorar.

— Já conversou com seus pais? Com certeza eles vão te ajudar. Chegou a hora de crescer, tornar-se mulher... Aceitar os desafios e as maravilhas da maternidade... Acima de tudo: ser mãe!

— Não sei, meus pais são tão conservadores e se não aceitarem? Se me recriminarem, me expulsarem de casa?

— Você precisa enfrentar a situação, tem que pedir ajuda as pessoas mais importantes da sua vida, tem que confiar em quem permitiu que você existisse, que te amou como você vai aprender a amar o filho que carrega no ventre, faça o que é certo! Não pense só em si mesma, pois você não está mais sozinha.

— Preciso pensar melhor... Decidir o que fazer, pois estamos falando do meu futuro... Da decisão mais importante da minha vida. Obrigada pela conversa, mas já está ficando tarde e eu tenho que ir... Adeus!

— Então vá com Deus! — diz a mulher enquanto observa Livia se afastar acariciando a barriga com a mão. — *“Acho que tudo vai dar certo!”* — pensa e sorri enquanto na praça pode se ouvir somente o riso das crianças que brincam; não há mais ninguém, o banco está vazio.

Depois de pensar por algum tempo e refletir sobre o que a mulher disse, Livia toma sua decisão: vai contar tudo aos pais e desistir da ideia do aborto.

Chega a sua casa, aproveita que seu pai e sua mãe estão juntos e conta, sem esconder nada, tudo o que aconteceu e o que está para acontecer; inicialmente eles se mostram apreensivos, falam sobre o futuro, as responsabilidades que ela terá que assumir e a repreendem por sequer ter pensado em abortar, cometer um crime e ainda esconder, impedir que eles a ajudassem, o que colocaria em risco não somente a vida do bebê como a dela também e finalmente a envolvem num grande abraço, felizes com o já amado neto que vai nascer.

Mais que um direito a vida é um recomeço, uma nova chance, é o maior de todos os presentes.

Sobre a Autora



Ana Rosenrot, de Jacareí – SP – Brasil, é escritora, editora, cineasta, ativista cultural e pesquisadora de cinema. Assinou por 4 anos a Coluna CULTÍssimo, na Revista Suíça Varal do Brasil, já teve trabalhos expostos no Consulado Brasileiro da Suíça e no Principado de Liechtenstein. Integrou antologias nacionais e internacionais e recebeu vários prêmios literários. No cinema, trabalha com produções independentes, dirigindo longas e curtas-metragens; participou de festivais e mostras em vários países. Recebeu 7 estatuetas do Prêmio Corvo de Gesso (2013-14-15 -17).

É criadora e editora da Revista LiteraLivre e participa do coletivo de escritores malditos MALDOHORROR.

Lançou, em 2018, o livro: “Cinema e Cult – Vol, 1” (2018) e em 2019 o e-book “O primeiro baile e outros contos”.

Ocupa a cadeira de nº 51, a Metamorfose, na A.I.L. Academia Independente de Letras(PE).

Site Oficial:

<https://cultissimo.wixsite.com/anarosenrot>

Página Facebook:

<https://www.facebook.com/AnaRosenrott/>

MALDOHORROR:

<http://maldohorror.com.br/ana-rosenrot/>

Revista LiteraLivre:

<https://cultissimo.wixsite.com/revistaliteraire>

Filmes youtube:

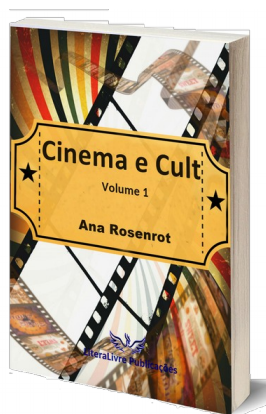
https://www.youtube.com/playlist?list=PLChjkzhrXCD_8qZpuWcZmr_WzEOK4_bug

IMDB: <https://www.imdb.com/name/nm7904401/>

Instagram: [@anarosenrot](#)

Leia também

Cinema e Cult - vol.: 1



Para conhecer e compreender melhor o mundo mágico da sétima arte, este livro traz os textos atualizados de todas as edições da Coluna CULTÍssimo, criada pela escritora e cineasta Ana Rosenrot e publicados originalmente na Revista Suíça Varal do Brasil (ISSN 1664-5243) entre 2014 e 2016.

Com linguagem acessível para o público em geral e também para estudantes de cinema, Cinema e Cult aborda a importância do cinema como ferramenta histórica e cultural e sua capacidade de transgredir, acompanhar e modificar conceitos, quebrar tabus e incentivar o livre pensamento e a reflexão.

Amazon:

<https://www.amazon.com.br/dp/B07KSN5Y95>

Clube de autores:

<https://clubedeautores.com.br/livro/cinema-e-cult-vol>

O Primeiro Baile e outros contos



O Primeiro Baile e outros contos, reúne, em doze narrativas curtas, as mais variadas vivências humanas: descobertas, inseguranças, paixão, dor, injustiça, tristeza e felicidade.

Formato: e-book Kindle (gratuito para ler no Kindle Unlimited)

<https://www.amazon.com.br/Primeiro-Baile-outros-contos-ebook/dp/B082BD2KB6>

Revista LiteraLivre



A Revista LiteraLivre é uma publicação brasileira de periodicidade bimestral, com

distribuição eletrônica em PDF e totalmente gratuita. Nossa missão principal é dar espaço aos escritores de todos os lugares, amadores ou profissionais, publicados ou não, que desejam divulgar seus escritos e mostrar seu talento de forma independente e livre.

Baixe todas as edições gratuitamente neste link:

<http://cultissimo.wixsite.com/revistaliteralivre>

Para participar é só seguir o regulamento:

https://drive.google.com/file/d/1MBXwrZykFzwzIQYloTGnOF2Sr5HGG_19/view

Três momentos.

Três vidas.

Três contos espíritas.

Camila (Estrela Guia), Alberto (Decisão Extrema) e Lívia (Direito de Viver), enfrentarão três situações decisivas: um assassinato, o impulso suicida e uma gravidez inesperada.

O futuro de cada um deles, dependerá de suas escolhas.

